

QUÃO COMPLEXOS SÃO OS PREDICADOS? REVISITANDO O PARÂMETRO DE COMPOSICIONALIDADE À LUZ DE UM ESTUDO TRANSLINGUÍSTICO

Julio William Curvelo Barbosa (USP)

INTRODUÇÃO

Desde o início do desenvolvimento da Teoria de Princípios e Parâmetros, dentro da Gramática Gerativa, os estudos translinguísticos passaram a receber atenção especial, já que, observar línguas diversas permite chegar com mais precisão e facilidade a quais são os princípios que regulam a capacidade do ser humano de desenvolver a linguagem.

Nosso trabalho tem como meta contribuir para tais estudos, comparando um grupo de fenômenos sintáticos aparentemente distintos em português brasileiro (doravante PB) e em inglês. A partir da observação das construções apontadas por Snyder (1995, 2001) e Sugisaki e Snyder (2002) como relacionadas ao Parâmetro de Composicionalidade (doravante PC), tentaremos mostrar que as sentenças em PB correspondentes às sentenças do inglês em (1) e (2), quando comparadas, apresentam diferenças estruturais significativas:

- (1) a. *John hammered the metal flat.*
John martelou o metal plano/achatado
 'John martelou o metal até ele ficar plano/achatado / João fez o metal ficar plano/achatado de tanto martelá-lo'
- b. *The man who you were talking about is here.*
O homem quem você estava falando sobre está aqui.
 'O homem sobre o qual você estava falando está aqui'
- c. *John gave Mary a new house.*
John deu Mary uma casa nova
 'John deu uma casa nova para Mary / John deu para Mary uma casa nova'
- d. *John picked the book up / picked up the book.*
John pegou o livro para cima
 'John pegou/apanhou o livro'
- (2) a. *Fred made Jeff leave.*
 'Fred fez Jeff sair'
- b. *Fred saw Jeff leave.*
 'Fred viu Jeff sair'
- c. *Alice sent the letter to Sue.*
 'Alice enviou a carta para Sue'
- d. *Bob put the book on the table.*
 'Bob pôs o livro sobre a mesa'

Sugisaki e Snyder (2002) prevêm que tanto as construções em (1) quanto as em (2) só podem ocorrer em línguas nas quais o PC seja marcado positivamente. Enquanto sentenças do tipo de (2) apresentam contrapartes idênticas em PB, sentenças do tipo de (1) perdem a sua leitura – em alguns casos, até sua gramaticalidade – quando traduzidas para essa língua. Assim sendo, diremos, ao contrário do que Sugisaki & Snyder prevêm, que os fenômenos de fato envolvidos no Parâmetro de Composicionalidade são representados apenas pelas sentenças como (1).

Dada essa diferença, faremos uma nova proposta, sobre quais dados podem ser realmente abordados pelo Parâmetro de Composicionalidade (SNYDER, 1995, 2001), com base nas distinções entre esses dois grupos de sentenças acima mencionados. Tal estudo será possível se adotarmos a proposta de Marantz (2001), que segue o modelo teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993).

1. O PARÂMETRO DE COMPOSICIONALIDADE E SUAS VÁRIAS ABORDAGENS

1.1. O Parâmetro de Composicionalidade (Snyder 1995, 2001)

Snyder (1995) faz um estudo com base no fenômeno da aquisição de linguagem e na comparação entre várias línguas de famílias diferentes, propondo um Parâmetro que relaciona a presença de certo tipo de formação sintática e a realização de um número de determinadas construções sintáticas.

Para o autor, a aquisição de vários fenômenos como construções de objeto duplo, construções resultativas, construções dativas, isolamento de preposição, entre outros, são desencadeados uma vez que o Parâmetro é ativado dentro de um certo período de desenvolvimento da aquisição da linguagem. Tal Parâmetro é também relacionado à formação de nomes compostos, que o autor chama de *compounds*. A formação de *compounds* só é possível se, na língua em questão, a ocorrência de construções resultativas for totalmente produtiva. Assim, Snyder propõe o Parâmetro de Composicionalidade (PC), em duas versões ((3) e (4), abaixo):

- (3) O Parâmetro de Composicionalidade
A gramática (não) permite livremente que itens lexicais de classe aberta, não afixais, sejam marcados como [+Afixal]
(SNYDER, 1995;27; tradução nossa)
- (4) Parâmetro de Composicionalidade: A gramática {proíbe*, permite} a formação de compostos endocêntricos durante a derivação sintática.
[*valor não-marcado]
(SNYDER, 2001:8; tradução nossa)

Nas línguas em que o Parâmetro acima é marcado negativamente, a produção de predicados complexos e de compostos como (5) (cf. **minhoca lata*) não é produtiva, nem recursiva (6):

- (5) a. *worm can* 'lata de minhocas' d. *tape recorder button* 'botão do toca-fitas'
b. *tattoo man* 'homem com tatuagem' e. *can opener* 'abridor de latas'
c. *apple juice* 'suco de maçã'
(SNYDER, 1995)

- (6) *the car cleaning cloth drawer*
o/a carro limpar(gerúndio) tecido gaveta
'a gaveta na qual se guarda o pano de limpar o carro'
(Marcello Marcelino; comunicação pessoal)

Snyder (1995) trata a composicionalidade como um fenômeno recursivo, e que é essa recursividade a responsável pela formação de construções resultativas e de compostos raiz, como *beer bottle* ('garrafa de cerveja'; lit. *cerveja-garrafa*), *orange juice* ('suco de laranja'; lit. *laranja-suco*), e assim por diante.

1.2. Redefinindo o PC: análises posteriores

Roeper, Snyder & Hiramatsu (2001) vão um passo além na delimitação dos predicados complexos e da sua formação morfológica. Nesse trabalho, os autores propõem a seguinte formulação

do Parâmetro de Composicionalidade, por eles chamado *Parâmetro de Composicionalidade-raiz* (Root Compounding Parameter (RCP), (10)), baseados na noção de *set-merge* (concatenação de núcleo e complemento; que se opõe a *pair-merge*, que é a concatenação de núcleo e adjunto):

- (7) O Parâmetro de Composicionalidade-raiz
Set-merger (não) pode combinar projeções não-máximas.

(ROEPER; SNYDER; HIRAMATSU, 2001;3)

Para os autores, esse seria um parâmetro morfológico, no sentido que os elementos de projeções não-máximas unidos pelo *set-merger* são interpretados como palavras complexas nas interfaces semântica e fonológica. A marcação positiva desse parâmetro permite a produtividade de compostos como uma maneira produtiva de formação de palavras complexas. Um exemplo pode ser visto nas construções com partículas: os autores afirmam que o *set-merger* cria uma posição de clítico abstrato (KEYSER; ROEPER, 1992). Essa hipótese é confirmada, segundo os autores, pela distribuição complementar de clíticos e partículas (8a-b), bem como incorporação à esquerda, típica de clíticos (9):

- | | | | | | |
|--------|---|----|---|-----|---|
| (8) a. | <pre> VP / \ V Prt pick up play dumb play chess </pre> | b. | <pre> V-P pick up V-P lose out *pick up out V-N lose faith *lose faith out V-A play dumb *play dumb up </pre> | (9) | <pre> a. lose faith => faith-losing b. stand out => outstanding c. play dumb => dumb-acting </pre> |
|--------|---|----|---|-----|---|

(ROEPER; SNYDER; HIRAMATSU, 2001;5)

Em uma linha semelhante ao trabalho de Roeper, Snyder & Hiramatsu (2001), Sugisaki & Snyder (2002) mostram que o fenômeno de isolamento de preposição (*preposition stranding*) é dependente da marcação positiva do PC. Partindo dessa premissa, os autores fazem um estudo translingüístico, mostrando que a presença de isolamento de preposição é condicionada à presença de construções verbo+partícula.

Além da observação translingüística, os autores mostram, por meio de estudos em aquisição, que crianças adquirindo o inglês apresentam a aquisição de verbo+partícula significativamente antes de isolamento de preposição em suas gramáticas. Assim, Sugisaki & Snyder (2002) concluem que esses dois tipos de construção seriam dependentes da marcação positiva do PC na gramática dessas crianças, assim como todas as construções em (10):

- (10) a. *Resultative*: John painted the house red.
 b. *Verb-Particle*: Mary picked the book up / picked up the book.
 c. *Make-causative*: Fred made Jeff leave.
 d. *Perceptual report*: Fred saw Jeff leave.
 e. *Put-locative*: Bob put the book on the table.
 f. *To-Dative*: Alice sent the letter to Sue.
 g. *Double Object Dative*: Alice sent Sue the letter.

(SUGISAKI; SNYDER, 2002;9)

Nas seções a seguir, mostraremos que, apesar de o PC ser extremamente interessante do ponto de vista teórico, as previsões empíricas feitas em (10) não são totalmente corroboradas se levarmos em conta os dados do PB, conforme vimos em (1) e (2), acima. Nosso objetivo é propor uma separação dessas construções em dois grupos, para, então, abordar as propriedades das construções que realmente dependem da existência do PC para sua realização, sob a abordagem teórica da Morfologia Distribuída.

2. MARANTZ (2001) E OS PREDICADOS COMPLEXOS: COMPOSICIONALIDADE É IDIOMATICIDADE?

2.1. "Words" e a questão dos domínios

Em um texto que defende a existência de apenas um componente computacional para a formação de sentenças e palavras, Marantz (2001) propõe que seja mantida a distinção entre “dois lugares”, atribuídos previamente ao léxico (para a formação de palavras) e a sintaxe (para a formação de sentenças); porém, a divisão desses dois lugares seria prevista apenas na sintaxe, a partir das relações estruturais – posições na árvore sintática – e derivacionais dos itens presentes na estrutura sintática, envolvendo, segundo Marantz, domínios cíclicos. Assim sendo, Marantz faz as seguintes afirmações:

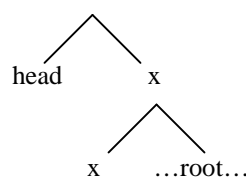
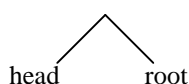
“A uniformidade da morfofonologia se deve à sua natureza interpretativa, que acompanha a sintaxe de maneira uniforme.”

“A uniformidade da composicionalidade se dá pelo fato de a sintaxe realizar todas as operações de concatenação [*merger*], incluindo aquelas entre morfemas nos limites da palavra.”

(MARANTZ, 2001;6; tradução nossa)

Assim, o domínio para a formação de palavras seria a raiz. Esta só é vista como uma palavra pela sintaxe após a concatenação de um núcleo sobre sua estrutura, que define sua categoria (N, V, Adj). Ou seja, qualquer morfema que se una à raiz antes da inserção desse núcleo está no domínio da palavra. Um outro domínio de formação de palavras seria fora do domínio desse núcleo funcional que determina sua categoria gramatical – os v“zinhos”, n“zinhos” e a“zinhos” (x, em (11), abaixo):

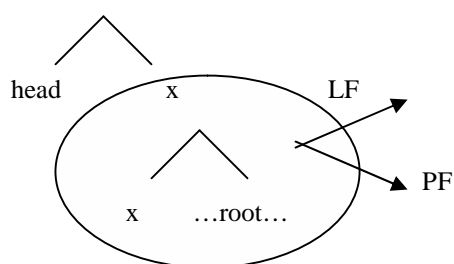
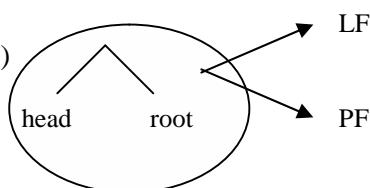
(11)



(MARANTZ, 2001;6)

Para Marantz (2001), esses núcleos determinam a “borda” de um domínio cíclico, ou uma fase, nos termos de Chomsky (1999). A estrutura formada pela união da raiz com esse núcleo x é enviada para LF e PF para interpretação fonológica e semântica, e o significado da raiz no contexto de x“zinho” é “negociado”, nos termos de Marantz, usando um conhecimento que ele chama de “Enciclopédico”. Para ele, núcleos que se unem a x“zinho” selecionam como complemento uma estrutura em que o significado (e a pronúncia) já foram negociados (12):

(12)

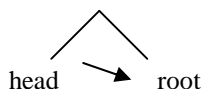


(MARANTZ, 2001;7)

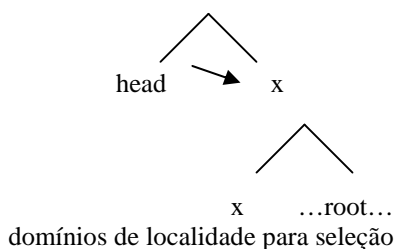
Marantz argumenta que, “se um núcleo se concatena fora de x“zinho”, ele vê os traços de x localmente, mas não os traços, propriedades, ou identidade da raiz concatenada com x”¹. Nesse caso, as propriedades de seleção de um núcleo são satisfeitas pelos traços de x, e não pelas propriedades da raiz, que são, segundo Marantz, “idiossincráticas à língua e ao falante individual” (13b). Se o núcleo se une à raiz, os requerimentos de seleção passam a ser satisfeitos pelas propriedades idiossincráticas da raiz (13a):

¹ MARANTZ, 2001;7.

(13) a.



b.



(MARANTZ, 2001;7)

3. Composicionalidade e idiomatidade nos predicados complexos

3.1. Uma proposta estrutural para os predicados complexos “idiomáticos”

Partindo das noções apontadas por Marantz (2001), tentaremos motivar a separação proposta na seção 1 para as sentenças em (1) e (2), pertencentes ao mesmo grupo de predicados complexos, de acordo com Sugisaki & Snyder (2002) ((10), acima). Começemos com as resultativas (1a), repetida aqui como (14):

- (14) *John hammered the metal flat.*
John martelou o metal plano/achatoado
 John martelou o metal até ele ficar plano/achatoado / João fez o metal
 ficar plano/achatoado de tanto martelá-lo'

No que diz respeito às construções resultativas seguiremos a análise de trabalhos anteriores (BARBOSA, 2008) e afirmaremos que resultativas são formadas na sintaxe como um predicado complexo. Um teste que confirma essa característica é sugerida em Rothstein (2004). A autora mostra que os argumentos das resultativas são responsáveis por determinar a telicidade do VP; logo, o objeto nas resultativas não é argumento apenas do verbo, nem de uma SC, mas de um predicado complexo, ou não estaria disponível semanticamente para permitir a interpretação atética, quando na forma de um plural nu (15a):

- (15) a. *John sang babies asleep for hours/*in an hour last night.*
 b. *John sang 3 babies asleep *for hours/ in an hour last night.*

(ROTHSTEIN, 2004;81)

A relação entre as resultativas e idiomatidade é vista mais facilmente nas resultativas com PP. Com exceção dos casos em que o PP denota um lugar ou posse inalienável (16), a interpretação desse PP é idiomática, como podemos ver pela tradução das sentenças em (17) e (18):

- (16) *John washed the soap out of his eyes.*
John lavou o sabão fora de seus olhos
 'John lavou os seus olhos até tirar o sabão deles/ tirou o sabão de seus
 olhos lavando-os'

(HOEKSTRA, 1988;116)

- (17) *They ate us out of house and home.*
 Eles comeram nós (acus.) fora de casa e lar
 'Eles nos deixaram sem ter o que comer em nossa casa, comendo tudo
 o que tínhamos'

(HOEKSTRA, 1988;116)

- (18) *She laughed him out of his patience.*
 Ela riu ele (acus.) fora de sua (masc.) paciência
 'Ela riu até tirar ele do sério/ Ela tirou ele do sério rindo'

(HOEKSTRA, 1988;115)

É possível observar, ainda, que algumas construções consideradas resultativas por alguns autores são compostas por partículas, como (19), o que nos permite acreditar que esse tipo de construção (verbo+partícula) apresente a mesma estrutura de predicados complexos, conforme prevê Roeper, Snyder & Hiramatsu (2001) (cf. (8) e (9), acima).

- (19) *Sylvester cried his eyes out.*
Sylvester chorou seus olhos fora
 ‘Sylvester chorou até seus olhos caírem/ arrancou seus olhos de tanto chorar’.
 (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995;41)

Seguindo a lógica de Roeper, Snyder & Hiramatsu (2001), sentenças como (20) e (21) também seriam formadas a partir de predicados complexos: *pick up* em (20), e *talk about* em (21).

- (20) *John picked the book up / picked up the book.*
John pegou o livro para cima
 ‘John pegou/apanhou o livro’
- (21) *The man who you were talking about is here.*
O homem quem você estava falando sobre está aqui.
 ‘O homem sobre o qual você estava falando está aqui’

Cabe ressaltar ainda a questão dos *phrasal verbs*, formações sintáticas de verbo+partícula, como *take in* (enganar), *knock up* (engravidar), ou *carry out* (desempenhar). Marcelino (2000) aponta que

“as partes individualmente não tem muito a ver com o significado final da combinação verbo + partícula (V + PRT). Nesse caso, diremos que a partícula adverbial **muda** o significado do verbo isolado, construindo um significado idiomático, idiossincrático^{2,3}”

(MARCELINO, 2000;63).

No caso de sentenças como (22), acreditamos que sua estrutura apresenta determinadas complicações cujos detalhes não poderiam ser discutidos neste trabalho sem um aprofundamento maior. Enquanto todas as outras construções abordadas acima apresentam dois predicados distintos se relacionando com apenas um argumento interno, as construções de duplo objeto apresentam dois elementos marcados tematicamente pelo mesmo verbo, o que seria um problema para a nossa proposta de predicados complexos como esboçada abaixo. Por ora, não discutiremos esse tipo de construção, deixando sua análise para trabalhos posteriores⁴.

- (22) *John gave Mary a new house.*
John deu Mary uma casa nova
 ‘John deu uma casa nova para Mary / John deu para Mary uma casa nova’

Voltando às sentenças de (14) a (21), podemos notar que elas têm em comum o fato de que, além de não ser possível traduzi-las literalmente para o PB, elas apresentam uma estrutura de eventos mais complexa do que sentenças transitivas comuns; isto é, essas sentenças apresentam uma

² É interessante observar que um dos *phrasal verbs* citados pelo autor, *make up*, é também um nome em inglês. Essa semelhança parece apontar em direção a uma análise que explique a formação de palavras e sentenças a partir da mesma estrutura sintática.

³ Existem outras combinações de verbo + partícula abordadas por Marcelino, como *warm up* (aquecer), *burn out* (queimar), *break down* (quebrar). Ao contrário dos *phrasal verbs* mencionados acima, essas outras combinações não apresentam efeitos de idiomatidade. Deixamos a distinção entre esses dois tipos de formação de verbo+partícula para estudos posteriores.

⁴ Para uma discussão aprofundada sobre as construções de duplo objeto em inglês e em outras línguas, sob o ponto de vista da Morfologia Distribuída, remetemos o leitor para o trabalho de Pykkänen (2002). Para a aplicação dessa proposta, e suas consequências para o estudo das construções bitransitivas em PB, cf. Armelin (em preparação).

complexidade estrutural sobre a descrição de um único evento complexo, apesar de apresentarem mais de um predador estabelecendo relações temáticas com o argumento interno da sentença.

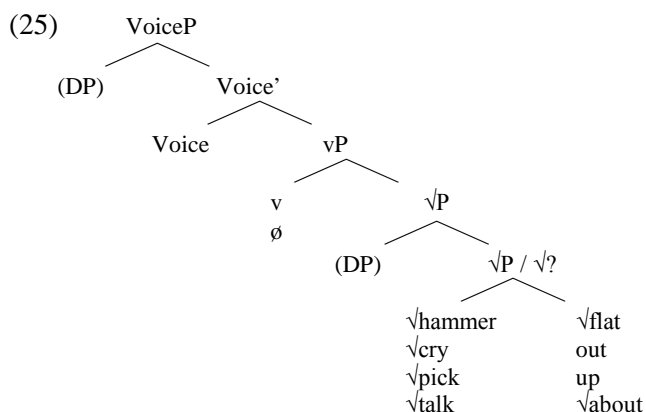
Nas construções resultativas, os predicados *hammer* e *flat* são ambos responsáveis pela denotação do evento, no sentido em que o estado resultante *flat* somente é obtido através da ação de *hammer*. Já em construções com verbo + partícula, é mais difícil de se perceber a noção de composicionalidade de predicados. Ramchand & Svenonius (2002) mostram que existem certas propriedades nas partículas que são responsáveis pela formação dessas construções. Enquanto a partícula atética *around* é responsável pela seleção do objeto direto em (23b), ela não é capaz de mover-se junto com o verbo (23c); por outro lado, partículas resultativas como *down* são capazes de alternar dessa forma.

- (23) a. ??*We ran Mary.*
 b. *We ran Mary around (in our car) (for hours).*
 c. **We ran around Mary.* [OK com *Mary* como *ground* (fundo/“alvo”)]

- (24) a. *We ran Mary down.* [i.e. nós a pegamos/ atropelamos]
 b. *We ran down Mary.*

(RAMCHAND; SVENIOUS, 2002;13; tradução nossa)

Em ambos os casos, a interpretação é composicional, daí a impossibilidade de (23a)⁵. Se a hipótese de Marantz (2001) está correta, e o significado da raiz no contexto de x“zinho” é “negociado”, – em outras palavras, pode receber um significado idiomático de acordo com os elementos ligados a ele antes de ser categorizado – então o complemento de um núcleo como *v* em (25) já teve seu significado negociado. Nossa hipótese é que as sentenças em questão formem, então, predicados complexos, e que elas tenham a seguinte estrutura:



Há vários problemas na estrutura acima, porém. Qual a natureza do predicado complexo? Qual das duas raízes seleciona a outra? Elas estão em um domínio ambíguo? É difícil determinarmos qual a relação entre as duas raízes, ou ainda, entre a raiz e a partícula, em alguns casos. Se o predicado complexo formar uma projeção \sqrt{P} , teremos que explicar como o argumento da raiz é selecionado. Se formar uma raiz, teremos que avaliar quais as consequências de uma “raiz complexa”. Porém, a estrutura acima, se correta, explica a idiomaticidade vista nas construções de (14) a (21), já que mantém o argumento interno dessas construções dentro do domínio da raiz, permitindo a negociação de seu significado, conforme a análise de Marantz prevê.

Nesta seção, tentamos mostrar que uma análise de predicados complexos para as construções resultativas, construções verbo+partícula e isolamento de preposição deve levar em conta a questão da idiomaticidade, e que sua formação tem de ser dada previamente à categorização da raiz. Na próxima seção, tentaremos dar argumentos para a distinção que propusemos nos dados em (1) e (2), dizendo que nem todas as construções abordadas por Sugisaki & Snyder (2002) (cf. (10), acima) são, de fato, o que chamamos de predicados complexos.

⁵ Note que (23a) é agramatical considerando-se tanto (23b) quanto (24b).

3.2. Predicados aparentemente complexos: o caso das small clauses e das orações complexas

Ao contrário dos dados em (1), os dados em (2), aqui repetidos como (29), não apresentam as mesmas propriedades que permitiriam chamá-los de predicados complexos, pelo fato de que denotam mais de um evento (29a-b), ou ainda, possuem mais de um argumento interno (29c-d).

- (29) a. *Fred made Jeff leave.*
 ‘Fred fez Jeff sair’
 b. *Fred saw Jeff leave.*
 ‘Fred viu Jeff sair’
 c. *Alice sent the letter to Sue.*
 ‘Alice enviou a carta para Sue’
 d. *Bob put the book on the table.*
 ‘Bob pôs o livro sobre a mesa’

Assim como excluímos as construções de duplo objeto⁶, não abordaremos a formação de predicados complexos em construções que selecionam mais de um argumento interno, ao menos por enquanto. Conforme argumentamos até aqui, um fator importante para determinar se uma construção pode (ou não) formar um predicado complexo no sentido acima descrito, é a questão da idiomaticidade. Ao contrário das resultativas e das construções verbo+partícula, não há nada em (29a-b) que as faça serem interpretadas como idiomáticas. Mesmo que o objeto da sentença causativa seja uma expressão idiomática, como (30b), não há nada idiomático na ação de *João* do mesmo jeito que na “ação” da *cobra* em (30c):

- (30) a. *O João fez a criança dormir.*
 b. *O João fez a Ana fumar.*
 c. *O João fez a cobra fumar.* (cf. *A cobra vai fumar*)

Na sentença (30c), aliás, é possível substituir o argumento externo por qualquer outra expressão nominal, e a idiomaticidade da sentença encaixada se mantém. Parece estranho dizer que em (30c) há a formação de um predicado idiomático *fazer fumar*, comparado a *hammer flat*, por exemplo. Em uma sentença como (30a), o DP *a criança* não é afetado pelo verbo *fazer* da mesma maneira em que *metal* é afetado pelo verbo *hammer* em uma sentença como *John hammered the metal flat* ((24), acima). Aliás, essa é uma das características cruciais para a formação de resultativas, e, talvez, de todos os predicados complexos: a possibilidade de incorporação de modo ao verbo. O verbo *hammer* denota uma ação cujo modo/instrumento está presente, enquanto nas construções causativas não se utiliza um verbo dessa natureza⁷.

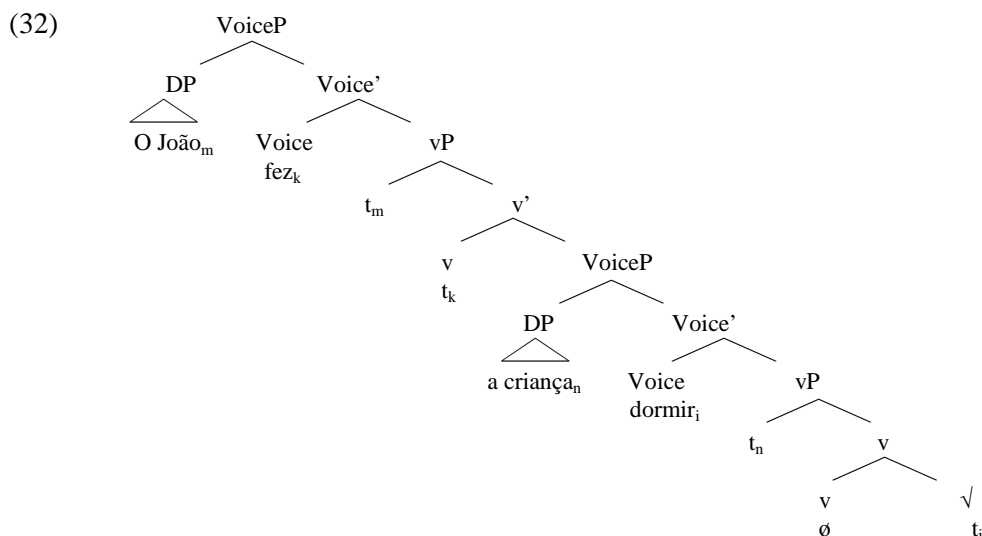
Nas sentenças em (30), o verbo *fazer* aparentemente se comporta como um verbo leve, mais do que um verbo “lexical”, por assim dizer. Como se sabe, o verbo *fazer* é um verbo de criação, e, somente em construções causativas, ele adquire esse *status* de verbo leve. Outro fato interessante é que são poucos os verbos que podem entrar nessa construção causativa, como *fazer* e *transformar*. Além disso, um predicado complexo não é formado por dois verbos, exatamente o oposto das construções causativas.

Conforme dissemos anteriormente, a diferença entre predicados complexos e sentenças como (29a-b) reside no número de eventos que elas denotam. No caso dos predicados complexos, temos apenas um vP, que denota um simples evento complexo (cf. (25)). No caso de (30), por outro lado,

⁶ Cf. (22) e sua discussão acima, na página (6).

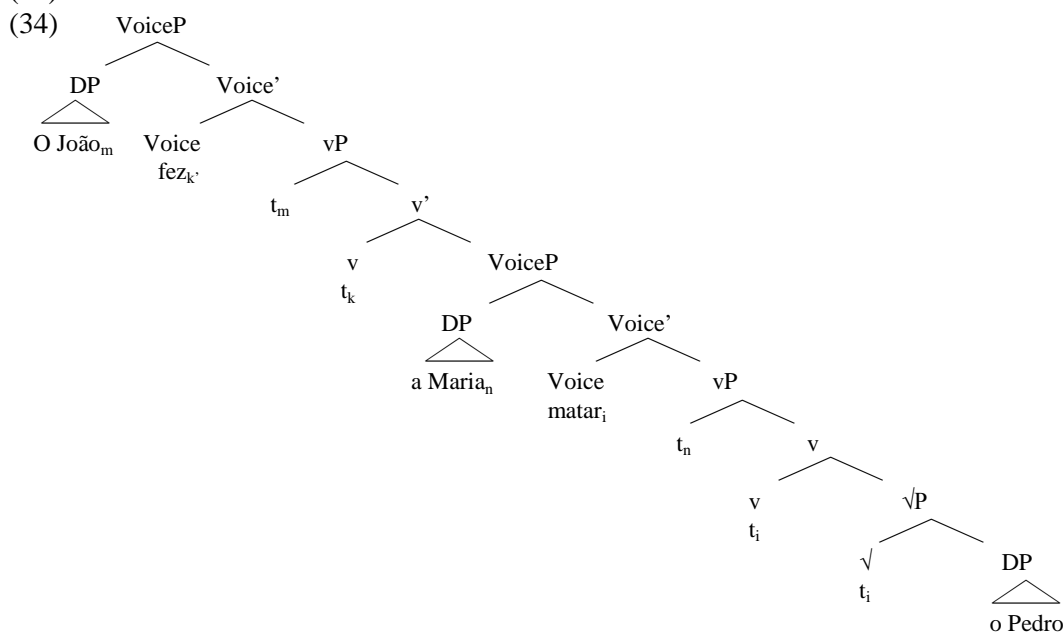
⁷ Para uma discussão sobre as restrições de formação de verbos com incorporação de modo/instrumento, cf. Barbosa (2008) e Bassani (em preparação).

teríamos duas eventualidades, uma expressa pelo verbo *fez*, outra expressa pelo verbo *dormir*, como podemos ver em (32), abaixo⁸:



Apesar disso, poderia ser alegado que um predicado complexo como *fez dormir* fosse possível. Mas, no caso de uma sentença como (33), seria difícil explicar como esse predicado complexo selecionaria o DP *o Pedro* e, depois, o DP *a Maria*. Acreditamos que o DP *o Pedro* tem que ser, necessariamente, argumento apenas da raiz *matar*, e não de um predicado complexo. Como é possível ver nas estruturas (32) (acima) e (34) (abaixo), o verbo *fez* não é derivado de uma raiz, e, portanto, pode ser inserido diretamente no nó *v*, já que, conforme argumentamos, seu caráter é mais funcional do que “lexical”, no sentido em que ele não provém de uma raiz categorizada.

(33) O João fez a Maria matar o Pedro.



Se as estruturas acima forem compatíveis com as construções com verbos perceptivos e dativos (cf. (2b) e (2d)), então temos aí a motivação para a distinção feita em (1) e (2), acima. Além da questão da idiomaticidade, o maior número de eventos em (2) separa esses dois grupos.

⁸ Deixaremos de lado a representação arbórea dos nós flexionais neste trabalho, por não afetarem a argumentação da presente discussão.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, concluímos que o grupo apontado por Sugisaki & Snyder como *predicados complexos* é excessivamente abrangente, e necessita de uma distinção entre dois grupos de sentenças. Mostramos que uma proposta baseada em uma teoria como a Morfologia Distribuída, como a de Marantz (2001), é capaz de explicar a noção de idiomaticidade presente nos dados realmente pertencentes à classe dos predicados complexos, enquanto outras sentenças não são dependentes desse tipo de formação sintática, e, portanto, não podem ser consideradas quando o Parâmetro de Composicionalidade (SNYDER, 1995, 2001) é levado em consideração. Deixaremos para trabalhos posteriores um refinamento da análise de predicados complexos dentro da teoria da Morfologia Distribuída, e como ela poderia ser aplicada aos dados, bem como apontar quais as vantagens sobre outras propostas para as várias construções em questão.

REFERÊNCIAS

- ARMELIN, P. “Sentenças Bitransitivas do Português Brasileiro Revisitadas à Luz do Sistema de Núcleos Funcionais Aplicativos”. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Em preparação.
- BARBOSA, J. “A estrutura sintática das chamadas ‘construções resultativas em PB’”. 2008. 134f. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.
- BASSANI, I. “Formação e Interpretação dos Verbos Denominais no Português do Brasil”. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Em preparação.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. Cambridge, Mass.: MIT Occasional Papers in Linguistics. 1999.
- HALLE, M. ; A. MARANTZ. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection” . In K. Hale and S. J. Keyser, eds., *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, mass. : MIT Press, 111 –176. 1993.
- HOEKSTRA, T. Small clause results. *Lingua* 74, p. 101-139. 1988.
- KEYSER, S. J. and T. ROEPER. Re: The Abstract Clitic Hypothesis. *Linguistic Inquiry* 23.89-125. 1992.
- LEVIN, B. & M. RAPPAPORT-HOVAV. Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface. L.I. Monograph 26. Cambridge, MA: MIT Press. 1995.
- MARANTZ, A. “Words”. Manuscrito. Mass.: MIT. 2001.
- MARCELINO, M. Construções resultativas em português e inglês: Uma nova análise. Dissertação de Mestrado – PUC-SP. 2000.
- PYLKKÄNEN, L. “Introducing Arguments”. Doctoral dissertation, Massachusetts: MIT.
- RAMCHAND, G. and P. SVENIOUS. The Lexical Syntax and Lexical Semantics of the Verb-Particle Construction. *WCCFL* 21.101-114. 2002.
- ROEPER, T.; W. SNYDER; K. HIRAMATSU. Learnability in a Minimalist framework: Root compounds, merger, and the syntax-morphology interface. *The process of language acquisition*, ed. by Ingeborg Lasser. Frankfurt. 2001.
- ROTHSTEIN, S. Structuring events: A study in the semantics of lexical aspect. Oxford: Blackwell's. 2004.
- SNYDER, W. *Language Acquisition and Language Variation: The Role of Morphology*. Ph.D. dissertation, MIT. Cambridge, MA: MIT Press. 1995.
- _____. On the nature of syntactic variation: Evidence from complex predicates and complex word-formation. *Language* 77.324-342. 2001.